

RECONTOS DE TEXTOS: PRÁTICAS SOCIAIS E ARTÍSTICAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Valdenice Maria Rodrigues de Lima Oliveira Leão ¹
Aliete Gomes Carneiro Rosa ²

INTRODUÇÃO

A contação de histórias, assim como os recontos, são práticas que permitem olhares diversos sobre os acontecimentos sociais. As práticas de escrita como recontos consideram mudanças e permanências cujo “gênero” enquadra os enunciados em categorias de textos que não pertencem a um só gênero, uma vez que os gêneros estão sempre em relação com outros, seja pela produção, ou ainda, pela recepção-interpretação. Assim, o reconto permite tanto a memória do gênero como a atualização do discurso. Segundo os estudos linguístico-literários, a genericidade textual é a ligação do texto com categorias genéricas abertas, permitindo aplicação de leituras diversas. Assim, as práticas discursivas realizadas pelos gêneros permitem observação de aspectos da constituição desses gêneros que vão considerar a autoria, editoração e leitura e recepção dos textos. Neste trabalho, vamos tratar de recontos feitos por estudantes de ensino fundamental conjugados a atividades artísticas. A experiência mostrou como a tipologia textual narrativa ainda se faz presente na escola, mas também, aponta para a habilidade do estudante em perceber os contextos e atualizar discursos.

METODOLOGIA

Este trabalho apresenta o relato de uma oficina realizada com estudantes do 9º ano do ensino fundamental, entre 13 e 15 anos, da Escola Estadual São José no município de Carpina-PE. A proposta contemplou a realização de uma oficina que se intitulou "Recontando a história de Chapeuzinho Vermelho". A oficina aconteceu em dois momentos, contemplando aula expositiva que tratou da linguagem do conto aliada à prática do gênero dramático que retomou a história de Chapeuzinho Vermelho. A partir das discussões com os estudantes, a atividade intitulou o reconto de "Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau Vegano" e, a partir de

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE - valdenyce_oliveira@yahoo.com.br

² Dr^a Aliete Gomes Carneiro Rosa - Prof^a do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE - aliete.rosa@ufrpe.br

novo contexto, os estudantes recriaram a história e dramatizaram o texto, criando um novo roteiro para o conto clássico. As discussões com os estudantes caminharam por reflexões sobre a sociedade atual, envolveram uso de tecnologias, formas interação pessoas / animais. No decorrer das discussões e escrita do reconto, os alunos passaram a organizar a apresentação oral do texto para outros colegas. Assim, em grupos, confeccionaram máscaras para os personagens que seriam usadas em apresentação artística.

REFERENCIAL TEÓRICO

Considerada uma das narrativas mais antigas na tradição dos contos de fadas e creditada ora aos irmãos Grimm ora a Charles Perrault, o conto Chapeuzinho Vermelho tem tradição oral forte e é contada até os dias atuais seja nas leituras familiares, nas rodas de leitura ou nas escolas para incentivo à leitura e estímulo à criatividade infantil.

O cronotopo do conto em questão remonta a um momento em que mães preparavam lanches e pediam aos filhos que os levassem a parentes ou vizinhos. Um certo dia, essa mãe pede à filha que leve o bolo até a casa da avó, fazendo-lhe algumas recomendações de cuidados com o caminho, uma vez que se trata de um local ermo. O conto tem a participação da menina, Chapeuzinho, sua mãe, o Lobo mau, a avó e o caçador. Na conhecida narrativa, a garota percorre uma floresta para atender o pedido da mãe, não atentando às recomendações maternas.

O conto popular tem forte ligação com as práticas orais e narrativas. Nessa direção, os estudos sobre linguagem e discurso (Charaudeau, 2008, p. 151-200) apontam que o modo narrativo trata do modo de organização dos discursos, apontando o papel da narração na atividade linguageira. Assim, o que o autor nomeia de "aparelho narrativo" traz à tona as práticas humanas em operações pragmáticas as quais descrevem o mundo e organizam formas de acontecimentos de fatos narrados, fazendo emergir atores, tempo e espaço e modos de narrar. Para além desses elementos, a "narratividade" tem uma função contextual que faz surgir demais elementos da narrativa que não se centram apenas na descrição de uma sequência de ações.

É a narrativa que possibilita olhar para os contextos, fatos, ponto de vista e perspectiva, uma vez que, quem narra, assume um dado lugar e elege práticas de linguagem

para construir, pela linguagem verbal, a imagem e todo o enredo. Assim, pelo viés da tradição, ela subsume memória coletiva, tradição e práticas simbólicas (Patrini, 2005, p. 105).

Sabemos que, por definição, o gênero conto é um texto breve, tem origem nos “causos” populares de tradição oral, traz número reduzido de personagens e tem função lúdica e moralizante com o objetivo de compartilhar fatos, sentimentos e ideias (Costa, 2008, p. 66-67). No que tange às práticas sociais e às práticas da escola, o conto permanece vivo e assume formas variadas e, também, atualizações. Nas práticas de conversações informais, as reuniões em bares, cafés, salas, calçadas ou em volta das fogueiras são grandes responsáveis pela perpetuação de causos, mitos, lendas como assumem função de espalhar notícias numa versão urbana e moderna do narrar (Patrini, 2005, p. 120).

A escrita de textos pressupõe processamentos complexos na elaboração dos discursos. Assim, o conto tem uma localização espacial, autoria, uma função social, uma carga ideológica evocada, tecendo com o reconto uma ligação estrutural como gênero de partida. A isso, Adam e Heidmann (2004) chamam de genericidade. Segundo os autores, haverá efeito de genericidade sempre que houver texto já que esta é uma necessidade sociocognitiva que religa qualquer texto ao interdiscurso de uma formação social. Assim, a cena enunciativa do reconto, no caso deste trabalho, toma como gênero de partida o conto popular, evocando, nos personagens e em algumas de suas ações, a genericidade leitoral e autoral para criar novos textos narrativos.

Já no contexto escolar, segundo a BNCC (2019, p. 158), as práticas de linguagem, no que diz respeito aos anos finais do ensino fundamental, ensejam, no campo artístico-literário, *práticas de leitura reconstrução da textualidade e compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos*. Assim, o universo do narrar se faz presente na sala de aula para tratamento da linguagem e seus usos. Nesse sentido, dentre as habilidades elencadas dentro do trabalho com a tipologia narrativa, a nomeada habilidade EF69LP47 (BNCC, 2019, p. 159) estão o desenvolvimento de capacidade de analisar os textos narrativos ficcionais, escolhas lexicais, cenários e personagens, tempo e espaço narrativos, enunciações e discursos presentes nos gêneros do universo da narrativa do conto. Dessa forma, o tratamento da narrativa de contos, no contexto escolar, tem seu lugar não apenas como retomada do texto clássico, mas também do ponto de vista contextual e da interdiscursividade. Esse é o caso desta experiência de sala de aula junto a estudantes de ensino fundamental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da oficina mostraram que a reflexão sobre o novo contexto dos personagens reconstruiu a memória e a ligação do gênero conto com a recriação e permitiu, ainda, a compreensão dos movimentos de adaptação do texto ao gênero dramático. Tais práticas ampliam habilidades de leitura, autoria em escrita e reescrita de textos e contextos conforme trata a Análise Textual dos Discursos. Os alunos olham para o lobo e abrem novos focos, adaptando o conto original às discussões sociais atuais e criam novos finais em que o lobo não come carne humana, é vegano; o lenhador surpreende, e ataca ao invés de proteger; a Chapeuzinho usa GPS para encontrar a casa da avó. As diversas sequências textuais são marcadas por sucessões de eventos, possuem unidades temáticas cujos processos apontam narrativa da trama, causalidade fazendo emergir as situações cotidianas e conhecidas pelas crianças. Além desse processo, os alunos retextualizam o conto, adaptando o gênero para o teatro expondo os efeitos de genericidade presente em textos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processamento de escrita de contos e sua adaptação para o teatro, no contexto tratado aqui, apontou para a percepção da estruturação do texto narrativo, para a memória do gênero conto, dentro de uma categoria genérica, o que permitiu aos alunos adaptarem tanto o contexto social quanto o estilo e a modalidade, tornando a narrativa possível de ser teatralizada. Além da escrita, o envolvimento com a prática artística e a confecção de máscaras permitiu a encenação do reconto, mobilizando a turma em atividade de oralidade. O conhecimento da narrativa, a adaptação ao contexto social e a junção com as artes do teatro e das máscaras promoveram práticas discursivas e sociais e amplo debate na sala de aula cuja recepção dos textos fez aparecer a subversão do gênero e seu desenquadre. As práticas de escrita e reescrita de textos devem ser estimuladas em sala a fim de que o aluno reelabore, também, reflexões sociais.

Palavras-chave: Genericidade; Literatura Infantil; Reconto.

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos à escola pública pela oportunidade de observar e experimentar práticas linguageiras tão fecundas.

Venho também por meio desta oferecer meus sinceros agradecimentos à professora Aliete, pela ajuda que me foi oferecida. O mundo seria um lugar melhor se todas as pessoas tivessem um coração tão grande como o seu. Mais uma vez, agradeço por tudo.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel; HEIDMANN, U; Des genres à la généricité : l'exemple des contes (Perrault et les Grimm), *Langages* 153: 62-72, 2004.

ADAM, Jean-Michel; HEIDMANN, U; MAINGUENEAU, D. et al; *Análises Textuais e Discursivas – metodologias e aplicações*. São Paulo Cortez, 2010.

_____; _____. *O texto literário – por uma abordagem interdisciplinar*. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2019.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

COSTA, Sérgio R. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PATRINI, Maria de Lourdes. *A renovação do conto: emergência de uma prática oral*. São Paulo: Cortez, 2005.

PERRAULT, Charles et al. *Chapeuzinho Vermelho/ Le Petit Chaperon Rouge*. Coleção Charles Perrault – Vol. 1. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2019.